

**Roteiro polos espazos vitais e literarios de
Camilo Castelo Branco
con Ana Maria Moutinho Ferreira**

Porto, 10 de outubro de 2026 - Código en fprofe G2603002

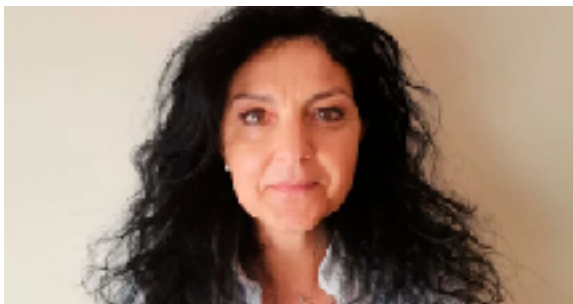


XUNTA
DE GALICIA

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN,
CIENCIA, UNIVERSIDADES E
FORMACIÓN PROFESIONAL



Xacobeo  2027



Ana Maria Moutinho Ferreira

Doutorou-se na Universidade de Vigo com a tese *Turismo Literário no Porto: avaliação da sua potencialidade com base na figura de Camilo Castelo Branco*. É licenciada e mestre em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, atualmente, exerce funções como docente e investigadora na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Porto (IPP).

Proferiu conferências na Universidade de Aix Marseille, na Universidade Fernando Pessoa, na Universidade de Natal, na University of Stirling, na Universidade Nova de Lisboa...

É a investigadora responsável pela criação e a atual coordenadora da Pós-Graduação em Turismo Literário na referida instituição. Integra centros de investigação de prestígio, nomeadamente o CEGOT (Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território) e o CITUR.

O seu principal foco de investigação centra-se no turismo literário, turismo cultural, turismo criativo e na sustentabilidade territorial. Participa ativamente em projetos transfronteiriços como o ECODITUR, potenciando os vínculos culturais entre o Norte de Portugal e a Galiza. Conta com dezenas de publicações académicas, artigos em conferências e roteiros que utilizam o texto literário como metodologia de ensino. Tem desenvolvido um trabalho de relevo na promoção e dinamização de itinerários culturais focados em vultos da literatura no Porto.

Índice

Itinerario complementário

Ponto 1 — Jardim de São Lázaro	03
Ponto 2 — Praça da Batalha	08
Ponto 3 — Rua de Sto. António	17
Ponto 4 — Rua de Santa Catarina	19
Ponto 5 — Teatro do Bolhão	21
Ponto 6 — Cemitério da Ordem da Lapa	22

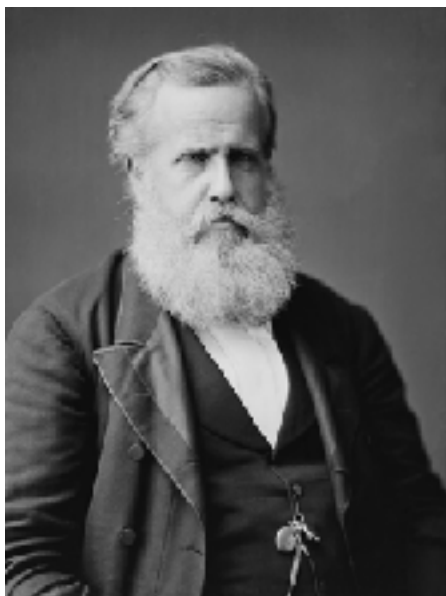


Ponto 1 – Jardim de São Lázaro

O itinerário camiliano pelo Porto inicia-se num jardim, frequentemente referenciado na novelística camiliana: São Lázaro (*Os Brilhantes do Brasileiro* acaba com uma referência ao Jardim de S. Lázaro¹). Aberto por D. Pedro IV, em pleno Cerco do Porto. Antes de ser jardim esta zona era já chamada de São Lázaro. Este topónimo – Lázaro – evoca a antiga gafaria (leprosaria) medieval aí instalada no princípio do século XVI, que veio a ser demolida no século XVIII. O local era periodicamente ocupado por uma feira, tal como sucedia à maioria dos espaços que no Porto foram ajardinados até à segunda década do século XX. Hoje, ele é o jardim romântico do Porto, por excelência.



Esquina da rua de São Lázaro (antiga rua de Reimão e atual avenida de Rodrigues de Freitas) e a rua de São Vitor, em 1910.



Pedro II (Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1825 – Paris, 5 de dezembro de 1891). Retrato por Mathew Brady, 1876.

Em 1872, Camilo habitava o segundo andar de um prédio da **Rua de São Lázaro**², quando **D. Pedro II**³, imperador do Brasil, de visita ao Porto, o quis

conhecer pessoalmente. O monarca começou por solicitar ao escritor que se deslocasse ao Hotel do Louvre, onde se encontrava hospedado. Como Camilo declinou o convite, invocando problemas de saúde, foi o próprio imperador a deslocar-se até ele, visitando-o em São Lázaro. D. Pedro II impôs-lhe a Ordem da Rosa, importante ordem honorífica brasileira. Sensibilizado, Camilo mandou interromper a

¹ Moutinho Ferreira, Ana Maria (2021) *Turismo literário no Porto: avaliação da sua potencialidade com base na figura de Camilo Castelo Branco*, Tese de doutoramento, Universidade de Vigo, pa.142.

² Rua de São Lázaro, antiga rua de Reimão e atual Avenida de Rodrigues de Freitas.

³ Pedro II (Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga; Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1825 – Paris, 5 de dezembro de 1891), cognominado «o Magnânimo», foi o segundo e último monarca do Império do Brasil, reinando por 58 anos (1831–1889). Filho mais novo do imperador Pedro I do Brasil e da imperatriz consorte Maria Leopoldina da Áustria, integrou o ramo brasileiro da Casa de Bragança. Nascido no Palácio Imperial de São Cristóvão, tornou-se imperador ainda criança, após a abdicação de seu pai e a partida deste para Portugal, em 1831. Reconhecido como erudito e incentivador das artes, da cultura e das ciências, Pedro II cultivou ampla rede de contatos intelectuais e recebeu o respeito de estudiosos e escritores de seu tempo. Deposto com a Proclamação da República em 1889, recusou-se a apoiar medidas de força para reverter sua remoção e não endossou tentativas de restauração monárquica por meio de guerra. Viveu os últimos anos em exílio na Europa, falecendo em Paris.

impressão do seu mais recente romance *A infanta capelista*, no qual criticava a Casa de Bragança, determinando a destruição de tudo o que já estivesse impresso. No entanto, a tipografia preferiu aproveitar as folhas impressas como papel de embrulho, conseguindo-se, assim, salvar seis exemplares completos. Estes são, hoje, os mais raros exemplares dos livros de Camilo (Moutinho, 2009).

E o caso é que, no mesmo ano de 1872 aparecia á venda, editado pela casa Ernesto Chardron, o *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, que não passava de uma pequeníssima modificação da apregoada *A Infanta Capellista*.

Embora nas primeiras vezes que vinha ao Porto se hospedasse no **Hotel América** que ficava na rua de Entreparedes, Camilo viveu também durante algum tempo na **Hospedaria Santo Ildefonso**. A Igreja de Santo Ildefonso, situada numa das extremidades da rua com o mesmo nome, é uma das mais referidas nas suas obras.

Texto 1



Iluminou-se ontem o jardim de S. Lázaro em benefício dos pobres. Não se apela em vão para a caridade deste público. Foi luzida a concorrência e bem passada a noite; e, como noite de esmolas é de crer que muitos corações mendigos, dos que pedem por amor de si e não por amor de Deus, fossem remediados em suas fomes e sedes... de frivolidades, que é a linguagem genuína das afeições deste velho globo.

Camilo Castelo Branco, *O Nacional*.

Texto 2

À volta de uma mesa do café Martinho, em Lisboa, estavam, por 1857, seis ou sete sujeitos saturados de politica. Estava eu tambem em principio de «saturação», palavra pedida de emprestimo á chimica para bem materializar a idéa de um corpo embebido d'aquelle civico entusiasmo que salva as nações... nos botequins.

Eram todos os meus interlocutores n'aquella noite mais ou menos republicanos. Havia tal que dizia acreditar na metempsychose, porque sentia dentro do seu ventre os figados de Robespierre; e outro, que arredondava musicamente os periodos demagogos, revelava-nos, com modestia parelha do talento, que sentia coriscar-lhe no craneo o cerebro de Mirabeau; coriscos, se o eram, todos para dentro; que do fogo que lhe faiscava da frente não havia que reear combustão em armazem de sulphureto de carbonio.

Os outros não me lembra quem tinham dentro de si.

Pelo que me diz respeito, recenseando longa fileira de defuntos historicos, suspeitei que era eu a paragem actual do transmigrado Sancho Pansa, por me sentir razamente lerdo á beira d'aquellas pessoas trabalhadas por crudelissimas almas de torna-viagem.

Dizia o mais moderado dos sete que Portugal estava expiando os crimes da casa de Bragança, alfôbre de vicios selvagens, de tragedias sanguinarias, de villanazes rapacidades. E accrescentava que Nuno Alvares Pereira, o santo, havia sido um

façanhudo caudilho de sclerados antes de casar com uma senhora rica do Minho, que o afazendou bastantemente para poder alliar uma filha com o neto do deshonorado Barbadão.

Isto dizia o democrata, enquanto o outro, do cérebro rábido e fulminativo, esmurraçando o mármore, nos certificava que era preciso decepar a hydra bragantina, sem excepção de cabeça ou cauda: — cauda, dizia elle, na picaresca hypothese de que as hydras reaes em Portugal têm colmilhos devorantes em ambas as extremidades do canal nutriente.

O meu terror foi grande. Encarei n'aquelles homens exterminadores, e agourelhes mentalmente que morreriam justificados para bem do género humano e da casa de Bragança, onde tem luzido gente boa e catholica, mórmente um duque D. Constantino, que governou a Asia, e não quiz ceder por trezentos mil cruzados aos alarves da India um dente de certo bugio que fazia milagres por arte do diabo. Esta passagem contei-a eu áquelles crocodilos, os quaes, no acume da sua ignorancia rebelde, me passaram unanimemente alvará de parvo em três vidas.

Agora é de saber que todos elles, os sete regicidas, hoje em dia, vampirizam as veias desangradas do paiz, pisam alcatifas do paço, e fumam charutos do snr. D. Luiz, pelos quaes se lhes vaporaram os figados de Robespierre, o encephalo de Mirabeau, e toda a mais peçonha que lhes satanisava as entranhas, tirante a do estomago que ainda é corrosiva como sempre.

Revertendo aos assumptos debatidos n'aquella roda de trogloditas, cujas caras a labareda do ponche queimado azulejava terrificamente, dizia um que a devassidão do maior numero de monarchas portuguezes se revelava sobejamente nos filhos bastardos, e nos adulterinos e até nos incestuosos. Em confirmação da these petulante, individuou com admiravel retentiva os filhos illegitimos de cada soberano, e não sómente os abonados pela historia, senão outros muitos denunciados pela tradição, e sonogados pelos historiadores em preto a insignes famílias desdouradas pela libertinagem dos reis.

Occasionou-se-me então o desejo de observar que o snr. D. Miguel de Bragança, bem que malsinado de frasqueiro e muito dado a camarilhas, não deixara filhos reconhecidos ou sequer suspeitos; d'onde eu inferia que a calúnia superfluamente lhe encarecera os vícios, não lhe querendo somente imputar à descultura do espírito e aos maus companheiros da mocidade os funestos lances do seu reinado.

Redarguiu de pronto o malsim das reais progenituras que D. Miguel podia ser tão devasso como seus avós; todavia menos fecundo que eles; e acrescentou logo, porém, que afirmava a existência de filhos do príncipe proscrito, e me desculpava a ignorância por eu ser da província e não conhecer as entranhas tuberculosas de Lisboa e da corte.

Estimulado por este dizer oriental e terapêutico, pedi que me dissessem quem eram os conhecidos filhos de D. Miguel. O sujeito, que eu interrogava particularmente, nomeou cinco ou seis pessoas de ambos os sexos, umas que eu conhecia de vista, e outras dos apelidos heráldicos de seus progenitores legais.

Feita a resenha, um dos circunstantes ajuntou:

- Ainda te falta uma.
- Quem é? — acudiu o outro.
- A infanta capelista.

— É verdade, a infanta capelista, a mais simpática e adorável e florida vergontea d'um tronco podre. Hei de mostrar-lhe a você a infanta capelista, a doce criatura que faz lembrar a iriada borboleta que saiu de crisálida gerada em esterquilínio. Quer vê-la?

— Com a mais ardente curiosidade — respondi eu.

— Amanhã.

Camilo Castelo Branco (1872) **Carrasco de Victor Hugo José Alves.**

Texto 3

A colônia de brasileiros portuenses longo tempo chorou a sorte dura de Fialho. Ali, na Praça-nova e no Jardim de S. Lázaro, se apinhavam os magotes daquele gentio a escoucear na honra de Ângela. Enquanto uns diziam que ela passara a abarregar-se com o incógnito amante, outros asseveravam ter exatas informações de que a tal fidalga da Cascos-de-rôlhas cedo poria em almoeda a sua beleza. E os homens honestos do Porto jungiam-se na maledicência com a vara de javardos que retoçavam e foçavam na infâmia uns dos outros. E sobre aquela gente chovia, e chove Deus toda casta de prosperidades! E a providência ter-lhe-á dado quanto tem e pode no dia em que enviar sobre ela uma nova chuva... de albardas. (...)

Fartos até ao arrote, de coletes desabotoados, saíram os três acionistas mais grados dos bancos portuenses a beber o ar balsâmico do jardim de São Lázaro. Nada, absolutamente nada, estremava aqueles três da classe dos homens de bem, porque a lei, que mandava abrir com ferro quente um ferrete na testa dos ladrões, foi derogada em 7 de fevereiro de 1523.

Camilo Castelo Branco (1869) *Os Brilhantes do Brasileiro*.

Na frente nascente do Jardim de São Lázaro, fica o edifício do antigo **convento de Santo António da Cidade**, onde está instalada a Biblioteca Pública Municipal do Porto, fundada por D. Pedro IV, em 1833. Camilo foi frequentador assíduo da biblioteca, onde o seu amigo, Alexandre Herculano, tinha sido bibliotecário (Rocha et al., 2019).

Nesse tempo, Camilo lia crónicas de frades para estudar o milagre e a língua, e encher-se de história, de fé e de vernaculidade (Castelo Branco, 1879, p. 498). Em 1858, Camilo concorreu aqui ao cargo de segundo bibliotecário, acabando por não ser selecionado, apesar de Alexandre Herculano se ter pronunciado publicamente a seu favor, classicando-o como um dos escritores mais fecundos do país e, indisputavelmente, o primeiro romancista português (Herculano citado por Braga et al., 2017, p. 41).



Texto 4

[Ao falar de Augusto Soromenho]

Nunca vi ninguém que tivesse tantas artes de ganhar inimigos. [...] Elle não tinha flôres, nem bifos, nem fraques. Era escrevente em um escriptorio de barreiras, percebia doze escassos vintens por dia, desvelava as noites lendo de empréstimo livros obsoletos; e, nas horas feridas ao seu emprego quotidiano, ia à livraria publica affligir o empregados pedindo livros em linguas mortas, como se os anemicos e romanticos funcionarios da bibliotheca de S. Lazaro pudessem conhecer e carregar os pulvureos folios-maximos dos Santos Padres.

Em um d'estes ordinarios conflictos de Soromenho com os guarda-salas, por causa da Magna Bibliotheca Patrum et Scriptorum Ecclesiasticorum, encontrou um jornalista que lia chronicas de frades para estudar o milagre e a lingua, e encher-se de historia, de fé e vernaculidade. O jornalista affeiçoou-se áquelle moço imberbe que lia com a conspicua seriedade de um beneditino o Bullarium Magnum Romanum. Tirou-o do funcionalismo aduaneiro e facilitou-lhe acesso a colaborar no *Portugal*, diario retrogrado para o qual o catechumeno realista entrou com muita erudição e bastantes appellidos: era Vabo y Anaya, era Gallego e Pedegache, era Castro e Pereira. Houve quem então nos arraiaes hostis lhe matraqueasse os appellidos. Soromenho podia com pergaminhos authenticos justificar-se fidalgo de geração, e procedente de familias nobres de Castella e do Algarve.»

Camilo Castelo Branco (1879) *Cancioneiro Alegre de Poetas Portuguezes e Brasileiros*.

Texto 5

Consta-nos que entre os concorrentes, se apresenta o Sr. Camilo Castelo Branco. Se no Porto há vislumbre de respeito ao talento, nem a Câmara pode deixar de o apresentar ao Governo como candidato, nem o Governo de o revestir das funções que solicita. A imprensa não é uma coisa absolutamente insignificante neste país, e a imprensa não podia abster-se de protestar contra o escândalo da exclusão. O Sr. Camilo Castelo Branco é um dos escritores mais fecundos do País, e , indiscutivelmente, o primeiro romancista português.

[...] A rejeição do Sr. Camillo Castello Branco seria um verdadeiro abuso, uma prevaricação municipal [...]. Recomendamos ao governo a vigilancia n'este negocio, por honra sua, da segunda cidade do reino, e d'este paiz, que conforme o que geralmente se crê, pertence ao gremio das nações civilisadas

Alexandre Herculano In *Jornal do Comércio*

Ponto 2 – Praça da Batalha

– Hospedaria Águia d'Ouro

Aqui se reúnem muitos dos estabelecimentos de eleição de Camilo e dos quais dá testemunho nas suas obras. A **Hospedaria Águia d'Ouro** é provavelmente o local camiliano de excelência. Aqui se reunia com a boémia da época, sendo também hóspede habitual, daí ser um espaço referenciado em muitos dos seus romances. Abriu como café, no rés do chão, em 1839. Em 1852, no primeiro andar, abriu portas uma hospedaria e, em 1899, uma concorrida casa de espetáculos também aí se instalou. Na hospedaria Águia d'Ouro ficavam hospedados os intelectuais e artistas de teatro, quando se deslocavam ao Porto. Para além de Camilo (em **1858**, Camilo reside num quarto), outros escritores, tais como Antero de Quental, Ramalho Ortigão, e ator Taborda, também aí pernoitavam. Da mesma forma, alguns morgados durienses e transmontanos faziam parte dos habitués. Razão pela qual Camilo a chamava de matriarca das estalagens portuenses, pois por ela passava muita da vida boémia local. Camilo refere-se ao Águia d'Ouro na ***Maria da Fonte, Boémia do espírito e Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado***.



Antiga fachada do Águia d'Ouro.

Texto 6

Basílio Fernandes Enxertado também era da Filarmónica. Para toda a gente era coisa de espanto ver as mãos largas de José Fernandes, avaro na fama, para aquele filho, grandemente gastador! Não faltava a uma récita italiana, e aplaudia com luva amarela, ou pateava com bota de polimento. Saía do teatro, e pagava lautas ceias de ostras e salame na Águia d'ouro. Alugava cavalo aos domingos e ia jantar à Foz, ou à Ponte-da-Pedra. Era sócio da Assembleia, da Tália, da Mnemósine, da Terpsicore, da Filarmónica e de muitas outras sociedades recreativas e dispendiosas! Como é que o fona José Fernandes, toda a vida labutando, se dispendia assim com o filho, vocação decidida para uma estroinice estúpida, estroinice peculiar dos mancebos dinheirosos e extravagantes do Porto?!

Camilo Castelo Branco (1863) ***Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado***.

Texto 7

Às duas da manhã saíam dos seus antros da «Águia d'Ouro», chapéu derrubado, capote às canhas, e içavam a devastação das famílias pelas trapeiras com escadas de corda. Estes devassísimos Richelieus de esnoga eram conhecidos. Toda a gente fina sabia que elles bebiam as lágrimas de umas senhoras pelos craneos das outras. E, não obstante, a sociedade decretava-lhes a primazia na elegancia, o primor na cortezia, o bom-gosto nas fidalgas estouvances.

Era vê-los nas salas!

As meninas remiravam-os de esquelha, tremulas de amor e medo; e aconchegavam-se da égide tutelar da mãe que lhes segredava em suores de aflicção:

— Aquelles homens tem o mafarrico! Meninas, não olhem para elles, que tem perdido muitas donzellas, e de cazadas não ha conta nem medida.

Camilo Castelo Branco (1886) ***Boémia de Espírito***.

— Hospedaria Estanislau e Hotel Universal

A **Hospedaria Estanislau**, situada em frente da Hospedaria Águia d'Ouro (na esquina com a rua da Madeira), era também um dos locais frequentados por Camilo até porque era também famoso pela sua cozinha. Frequentou igualmente o **Hotel Universal**, estabelecimento este localizado no extremo oposto da Praça da Batalha, no edifício hoje ocupado pela Messe dos Oficiais.

— Rua Chã e rua do Sol

Aqui desembocam a **rua Chã**, onde Camilo residiu enquanto estudava Teologia, e a **rua do Sol**, onde Camilo esteve hospedado, na casa da Dona Eufrásia Carlota de Sá (nº 8).

— Teatro de São João

A partir da inauguração do **Teatro de São João**, em 1798, a Praça da Batalha foi-se transformando num dos principais centros da boémia portuense. Nesta praça e nos arruamentos adjacentes foram-se instalando casas de espetáculos, hospedarias e hotéis, botequins e cafés. Em 1908, o velho Real Teatro de São João⁴ viu-se reduzido a escombros, após um violento incêndio. O edifício que hoje existe, com traço do arquiteto José Marques da Silva, foi inaugurado em 1920.



Teatro de São João, c.1930.

Camilo era frequentador assíduo das óperas e operetas no Real Theatro de S. João. Mas, nesse tempo, o espectáculo não se circunscrevia ao palco. Ficou especialmente conhecido o episódio da disputa entre os partidários das «divas» do *bel canto* que marcaram o final dos anos 1840, com a espanhola Adèle Dabedaille⁵ de um lado, e a italiana Clara Belloni do outro. Camilo tomou o partido desta última, tendo-se envolvido por isso em confrontos que começavam dentro do teatro e extravasavam para a rua, entre vivas e pateadas, gritos e bengaladas à mistura — como o próprio romanceou em *As Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*.

No livro *Casas da Música no Porto*⁶, recorda-se como Camilo entrou no teatro munido de uma corneta de lata, que soprou bem alto, no momento em que se iniciava a pateada à soprano Dabedaille. A provocação terminou, como seria de esperar, em

⁴ O título real foi-lhe acrescentado por D. Pedro IV, em 1834, igualando-o ao São Carlos, em Lisboa

⁵ **Adele Dabedilhe** é uma mezzo-soprano espanhola, que cantou no Teatro de S. João do Porto em 1848 e 1849. Nasceu em 1815 em Bilbao e estudou no Conservatório de Paris, onde obteve o primeiro prémio em 1833. Depois de passar pelos palcos italianos, canta no Teatro de S. Carlos de Lisboa em 1847. Em 1848 é contratada pelo empresário Francisco Martins de Almeida para cantar no Real Teatro de S. João do Porto. Ficou famosa a rivalidade entre os seus partidários e os da soprano Clara Belloni, que marcou a conturbada temporada lírica que terminou com a falência do empresário. Camilo Castelo Branco imortalizou a guerrilha entre os partidos ao irromper num jantar de homenagem à cantora, gritando vivas à sua rival, Belloni. O episódio é narrado pelo escritor num folhetim publicado num periódico portuense (Camilo Castelo Branco, 6 de Março de 1849, «Um Episódio em Leça». *O Nacional*) e será mais tarde introduzido na trama do romance «As Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado», O seu nome aparece algumas vezes grafado «Dabedaille», mas a ortografia correta é «Dabedilhe»,

⁶ Ana Maria Liberal, Rui Pereira e Sérgio Costa Andrade (2006) *Casas da Música no Porto*

pancadaria, logo na sala do S. João. Mas a disputa não ficou por ali. Dias depois, conta *Casas da Música no Porto*, Camilo soube que os partidários de Dabedeille estavam reunidos na Estalagem da Ponte da Pedra e, provocador, dirigiu-se para o local onde brindou, bem alto, no meio dos opositores: «À saúde da inigualável cantora Clara Belloni!», Resultado óbvio: mais pancadaria cujo resultado o próprio escritor portuense, contabilizou assim: «cabeças rachadas 2», «canelão à surrelfa 2», «copos quebrados 24» e «fanicos de senhora 3»,

Texto 8

– O pelo do mesmo cão, amigo Basílio... Outra mulher, outros amores, vinte mulheres, todas as mulheres do globo, já, e sem perda de tempo! O senhor está aqui está esquecido desse monstro. Nem você sai já daqui hoje. Estão aqui dez mulheres, pelo menos dez das mais galantes do Porto. Ame uma, ou ame-as todas. Que vai fazer a Braga? Aqui é que está o bálsamo. Temos logo um jantar dado à prima-donna Dabedeille. Está o senhor convidado em nome da direção, cujo membro eu sou. Vai ver o que é entusiasmo, e entusiasmar- -se connosco. Os caixões do vinho já vieram adiante, e não tarda aí um carroção com o jantar. Eu estou aqui escrevendo sonetos, quatro sonetos à Dabedeille, quatro improvisos em que medito há quinze dias. Está dito! palavra de honra! você janta connosco, e apaixona-se por todas estas mulheres!... Ó Basílio! quer você uma coisa? faça a corte à Dabedeille. Gosta dela?

– Bom estou eu p'ra essas empresas! – disse Basílio, arrancando segundo e mais grosso suspiro. – Tenho o diabo cá dentro, senhor Ervedosa! Não há mulher nenhuma que me faça esquecer Etelvina!

– Pois experimente, e verá. Aturda-se, Basílio! Embriague-se, delire, ame a torto e a direito, embruteça-se nas delícias fáceis desta alegre corrupção em que não é preciso gastar a alma, e você verá que fica bom. Todo homem de juízo, que se vê na posição em que está o senhor, perde o siso por três meses, faz toda a casta de asneira, e joga uma partida com o diabo.

Acabava Ervedosa de ingranzar muito mais longa exposição de inépcias, quando a prima-donna Dabedeille, com algumas damas, e luzido séquito de cavalheiros desembocou do caminho, que os trazia de visitarem o mosteiro de Leça do Balio.

Ergueu-se Ervedosa, metendo à algibeira os sonetos, e foi cumprimentar a cantora, levando pelo braço Basílio Enxertado, que se deixou ir à força. Seguiu-se ao cumprimento a apresentação. Dabedeille já conhecia de vista o filho do afamado ricaço, e sabia que uma corista, amada por ele quinze dias, recebera do generoso moço uma pulseira de valor mais que fabuloso, na história das liberalidades com coristas.

Basílio era falado nos camarins, e Dabedeille era uma simpática italiana que entrara no Porto com o coração já dessangrado das tolas quimeras do amor puro, da ternura gratis, e de outras inocências que são milagres nos camarins. Isto vai escrito sem desaire da memorável prima-donna, que a esta hora deve estar muito acabada, e muito reformada em inclinações. O certo é que ela amou todos os Basílios do Porto, que, naquele tempo, se acotovelavam em competência, à roda dela.

Camilo Castelo Branco (1863) *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*.

O escritor relacionou-se com a Isabel Cândida, uma das muitas freiras do convento de S. Bento da Avé Maria. Tal relacionamento tornou-se público e um jornalista

conhecido, entre outros epítetos, por **Novais dos Óculos** (os óculos não eram objetos de uso generalizado) publicou um epigrama no jornal *A Pátria*, revelando o facto e referindo-se a Camilo pelo pseudónimo que então usava: **Anastácio das Lombrigas**. O mesmo jornalista, noutro epigrama, denunciava os amores espúrios de D. Luís da Câmara pela atriz Maria das Neves. Tudo isto, no dia 23 de janeiro de 1851⁷.

Sabia-se que o jornalista frequentava com regularidade o Teatro S. João. Camilo e D. Luís, conluídos, segundo declarações do Novais, no processo respetivo, prepararam naquele dia 23 para aquele local, uma abordagem expiatória, à fafense. Num intervalo, ainda segundo o Novais, D. Luís dirigiu-se a ele, no teatro, e, com toda a cortesia, pediu-lhe uma palavra em particular, no corredor que serve camarotes. Ali agarrou-o e tentou agredi-lo, fazendo-lhe saltar o chapéu e os óculos, que se partiram. À algazarra acudiram várias pessoas e foi a saída salvadora do Novais que aproveitou a confusão para se escapulir, galgando apressado as escadas. Mas... oh infortúnio! Ali, no pátio, esperava-o Camilo munido de um chicote com cabo de metal encourado, rachando-lhe a cabeça com duas impiedosas traulitadas. O sangue borbotou.

— Igreja de Santo Ildefonso

Logo ali, muito próximo, ca a **Igreja de Santo Ildefonso**, de construção setecentista. Foi neste templo que Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães casaram por procuração, a 5 de setembro de 1853 (Oliveira & Castro, 2015). Camilo trata dos trágicos amores de Fanny Owen e Pinto de Magalhães em *Duas horas de leitura* e No *Bom Jesus do Monte* (Cabral, 1988).



Igreja de Santo Ildefonso.

— Café Guichard

José Augusto Pinto de Magalhães era um frequentador do **Café Guichard**, onde se sentava, por vezes, com outros tertulianos, à mesma mesa de Camilo Castelo Branco, que sempre lhe mostrou uma certa indiferença. José Augusto era órfão de pai e mãe, dos quais tinha herdado uma pequena fortuna e da qual vivia o seu dia-a-dia. Na sua posse, por herança, tinha uma quinta, em Baião, em Santa Cruz do Douro –Quinta do Lodeiro.

Estudante matriculado em Coimbra passava, no entanto, a sua vida na cidade do Porto, onde frequentava os teatros e todos os salões de baile da burguesia citadina. Eram tempos dos jovens experimentarem as paixões platónicas, que estavam na moda. Eram tempos, em que faziam furor, os semblantes sem cor e as expressões de fastio.



Na Praça Nova, o Café Guichard na 3ª, 4ª e 5ª porta, a contar da esquina.

⁷ Paulo de Passos Figueiras (2010) «Camilo e Ana Plácido, Alguns factos inéditos da sua vida», em *Cadernos Vianenses*, T. 44, 2010, p. 229-255.

Camilo não simpatizava com ele, vendo-o como um *fidalgote de província*. As duas personagens passaram da indiferença ao antagonismo. José Augusto fazendo parte dos partidários de Dabedelle e Camilo dos da Belloni, ambas cantoras célebres de ópera, que actuaram, no Porto, na época 1849/50.

Acontece que, passados alguns meses, dá-se um volte face na relação dos dois homens. Um dia, a uma das mesas do café Guichard, José Augusto elogia Camilo, a propósito de uns versos publicados pelo escritor num jornal. Camilo gostou, e daqui iria surgir uma amizade.

Em 7 de Junho de 1849 (porventura, seria o ano de 1850), os dois amigos, na casa dos 24 anos cada um, rumavam à **romaria do Senhor da Pedra**, deslocando-se em cavalos, alugados na cidade do Porto. Após cerca de uma hora de viagem, depois de terem atravessado o rio Douro pela ponte Pênsil, e subido as encostas de V. N. de Gaia, ao som da *Sirandinha e Cana Verde*, que os restantes romeiros interpretavam bailando, chegavam a Vilar do Paraíso.

Nesta aldeia, José Augusto indica a Camilo uma casa, cercada por um jardim murado, na qual moravam duas mulheres muito belas. Aguardaram alguns minutos pelo seu aparecimento, o que não aconteceu, e seguiram para o arraial.

Comido o peixe frito do costume, feitas as orações habituais na capelinha do Senhor da Pedra, uma volta pelo arraial e os dois amigos encetaram o caminho de regresso.

Ao passarem novamente pela casa, atrás referida, em Vilar do Paraíso, depararam-se com as duas mulheres, que José Augusto tinha, anteriormente, enaltecido, passeando-se no jardim.

Lá estavam elas, muito loiras, muito brancas e muito elegantes - Fanny Owen e a sua irmã, Maria Owen. Depois de breves instantes na contemplação das damas, ao longe, Camilo fica com a convicção de que seriam, de facto, muito belas e que José Augusto estava fascinado por elas.



Ponte Pênsil, D. Maria II



Casa da família Owen, em Vilar do Paraíso – Foto de Joaquim Ferreira de Barros, In *O Tripeiro*, Junho de 1949.



Capela do Senhor da Pedra, em 1900.



José Augusto Pinto de
Magalhães
Roteiros literários



Fanny Owen



Camilo Castelo Branco

As duas cândidas e jovens criaturas eram filhas do **coronel Hugh Owen**⁸, comandante do exército inglês que serviu em Portugal durante a Guerra Peninsular. Hugh Owen iniciou a sua carreira militar em 1803, na Grã-Bretanha, como voluntário, tendo entrado no exército, anos mais tarde, em 1809, embarcando logo para Portugal, onde foi promovido a capitão pelo marechal Beresford. Participou na Guerra Peninsular, defendendo o território Português e, no fim do conflito, foi promovido a tenente-coronel, do regimento de cavalaria nº 6 de Chaves. Em 1820, recebe o título de coronel e acompanha Beresford numa viagem ao Brasil, regressando no mesmo ano, com a revolução liberal de 1820, já em marcha. Na sequência desta revolução, foi afastado, assim como todas as autoridades britânicas, retirando-se do exército.

A 20 de Dezembro de 1820, casa com **Maria Rita da Rocha Pinto Velho da Silva (1790-1858)**, uma viúva⁹, filha do conhecido exportador de vinho do Porto, Tomás da Rocha Pinto (1748-1815) da firma «Thomaz da Rocha Pinto & Filhos», de quem teve quatro filhos, entre eles a jovem Fanny Owen¹⁰.

No período de Inverno, os Owen viviam no Porto, na então denominada, **Rua da Soveia**, actual **Rua Mártires da Liberdade** e, no Verão, naquela freguesia gaiense.

Alguns meses passaram sobre os acontecimentos daquele dia de romaria, até que, durante um dos muitos bailes levados a efeito nos salões das casas da burguesia portuense, José Augusto descobre as duas beldades entre os presentes. Não descansando enquanto não arranjou forma de lhes ser apresentado, viria a conseguir o desiderato, que envolveu também Camilo.

Não passou muito tempo e José Augusto munido de alguns pertences da sua quinta de Santa Cruz de Baião, mobila e monta uma casa alugada em Vilar do Paraíso, ficando, assim, mais perto das suas apaixonadas. Sim, era este o caso, pois não havia forma de ele se decidir. Em Dezembro de 1851, em Vilar do Paraíso, José Augusto, à lareira, fazia planos para se aproximar das duas beldades. Esse momento acabaria por chegar e ele torna-se visita da casa, onde convive com a esposa do coronel Owen e com as duas jovens. Camilo visita o amigo e convive também com a família Owen, apercebendo-se que José Augusto continua indeciso quanto ao rumo a tomar.

⁸ O coronel Hugh Owen (1784-1860), a partir de 1846, vai ter uma participação no periódico portuense, mensal, «O Industrial Portuense», assinando artigos com informações úteis para o desenvolvimento da indústria e agricultura da época. Em 1856, o coronel Hugh Owen, autor da obra «O Cerco do Porto», com prefácio de Raúl Brandão, cuja primeira edição data de 1915, regressou ao seu país, abandonando a mulher e os filhos.

⁹ Em primeiras núpcias, Maria Rita tinha casado com o seu primo Manuel Velho da Silva, este natural do Rio de Janeiro, de que houve geração, designadamente dos condes de Prime, visconde de Loureiro e visconde de Marzovelos (segundo Costa Leão em «Apostamentos Biográficos da Família Rocha Pinto», na revista *Arquivo Nacional*, n.º 573 de Dezembro de 1942).

¹⁰ Deste casamento, para além de, vingaram Maria (n.1828), Hugh Owen (n.1825), o primogénito e futuro barão da Torre de Pero Palha, de que houve geração e, ainda, Henrique (n.1829) e Francisca (Fanny Owen (1830-1854),) baptizada com o nome de Francisca em memória do seu tio Francisco de Paula de Rocha Pinto.

Na primavera de 1851, Camilo aluga também uma casa em Vilar do Paraíso, abandonando a frequência do Seminário, após viver um breve devaneio místico, que o tinha assolado, alguns meses antes. Estava formado um quarteto de namorados. Maria aceitava o braço de José Augusto e Fanny, o de Camilo.

Camilo chega a dedicar a Fanny alguns versos, mas acaba por abandonar o local e a relação, abruptamente, talvez, na sequência de qualquer desentendimento entre os dois. Mais tarde, Camilo

justifica aquele desenlace com uma cena protagonizada por José Augusto, em que este dava a entender um sentimento de ciúme, que envolvia Camilo e Fanny.

Os meses passaram e, à meia-noite de 11 de Julho de 1853, um cavaleiro, que não era senão José Augusto, cingido a um muro da propriedade dos Owen, em Vilar do Paraíso, esperava a sua amada para empreenderem uma fuga cujo destino seria um altar.

Um rapto, à moda desses tempos... e surpresa: a mulher que cai nos braços do cavaleiro não é a Maria, mas, sim, a Fanny. Para trás, fica uma mãe chorando, uma filha rejeitada e um pai, que à época vivendo em Lisboa, não aprovava a união que lhe foi proposta e envolvia uma sua filha.

O itinerário para a fuga tinha como primeiro destino Oliveira do Douro e, aí, seria continuado por barco, rio acima, até Santa Cruz do Douro, à Quinta do Lodeiro. O cavalo que foi escolhido para o transporte, cedo se assustou, atirou com a carga ao chão e partiu à desfilada. Noite escura como o breu, com a lua escondida atrás das nuvens, e o caminho passa a ser feito a pé, às cegas, por entre as árvores.

Tendo-se dirigido, primeiro, por engano, em direcção a Ovar, os fugitivos guiados por umas peixeiras inflectiram para o lugar da Sueima, onde chegaram ao nascer do dia, junto do terreiro da quinta de José Correia de Melo,

José Augusto e Fanny chegam, por fim, à Quinta do Lodeiro em 13 de Julho e casam, por procuração, na igreja de Santo Ildefonso, apenas, em 5 de Setembro de 1853, representados por José Correia de Melo Silveira, por parte da noiva e por Joaquim Marcelino de Matos, por parte do noivo.

É que, entretanto, tinham chegado às mãos de José Augusto, umas cartas que Fanny tinha escrito, que nem configuravam nada de especial, mas numa passagem de uma delas, fazia alusão à *"viuvez da sua alma e ao desespero por não encontrar coração que a compreendesse"*,

O teor daquelas cartas, contemporâneas de outras que lhe eram endereçadas, contrariava tudo o que, a si, era transmitido, na apreciação de José Augusto.

Entre várias teorias, há quem afirme que as cartas que estavam na posse de Bernardo Rodrigues Fuentes, à data, Cônsul de Espanha, teriam sido dirigidas por Fanny, à sua mulher, em consequência de uma amizade entre as duas, tendo Fuentes servido de secretário ocasional.

Bernardo Rodrigues Fuentes, morador na Rua dos Ingleses, nº 4 e que, em 1856, se mudou para a Rua do Almada, era pai do José Rodrigues Fuentes, que casou com uma filha de Manuel Sousa Carqueja, negociante de Oliveira de Azeméis, fundador do jornal



Casa do Lodeiro

«O Comércio», título depois substituído por «O Comércio do Porto» e morador na Rua das Congostas.

O tal destinatário das cartas, o Fuentes, neste caso Bernardo Rodrigues Fuentes, cônsul de Espanha, foi uma das testemunhas de defesa, apresentadas por Camilo, no processo que correu nos tribunais, a propósito das agressões ao jornalista do jornal «A Pátria», João Augusto Novais Vieira, o «Novais dos óculos»,

Segundo a queixa que Novais Vieira apresentou às autoridades, uma agressão ocorreu no dia 23 de Janeiro de 1851, em pleno Teatro S. João, sendo intervenientes Camilo Castelo Branco e Dom Luís da Câmara.

No dia seguinte, 24 de Janeiro, a queixa referia-se a nova agressão, que teve por palco a Rua de Sá da Bandeira, protagonizada por Camilo. Sobre este último acontecimento, o jornal «O Nacional» dava conta dele em 25 de Janeiro de 1851: «Ontem houve murraça na rua de Sá da Bandeira entre dois escritores públicos: foram ambos presos e levados por amigos para o quartel do Carmo, donde saíram logo.”

No cerne daquelas agressões, estavam escritos de Novais Vieira que denunciavam relações promíscuas de Camilo com D. Maria Felicidade do Couto Browne, poetisa, senhora casada com o rico comerciante portuense Manuel de Clamouse Browne e reavivadas outras, protagonizadas por Camilo e envolvendo-o, neste caso, com Isabel Cândida, a freira que, no convento de S. Bento da Avé-Maria, era a guardiã da filha do escritor e de Patrícia Emília.

Quanto a Luís da Câmara Leme, um militar, político e escritor, referia-se a um caso amoroso por ele vivido com a sua amante, a actriz Emília das Neves (1823-1883) que ficou conhecida por Linda Emília, devido à sua grande beleza.

Desfecho do caso em tribunal: Camilo foi absolvido.

Voltando à amargura e auto flagelação que José Augusto experimentava, após muita hesitação, decide-se pelo casamento na sequência de aconselhamento com vários amigos. Começava, então, um drama conjugal, perante o qual definhava o enlace, assim como, a vida dos participantes.

A tísica atinge Fanny, que definhava dia-a-dia.

No início de Julho de 1854, José Augusto e Fanny, esta devorada já pela tísica, hospedam-se no Hotel Bhartès, na Rua da Fábrica, onde Camilo visita o casal.

Em **3 de Agosto de 1854**, na casa de Vilar do Paraíso, morria Fanny Owen. Entre o rapto e a morte de Fanny decorreram treze meses. Um mês mais tarde, em 29 de Setembro, José Augusto dava também o último suspiro, suicidando-se, por envenenamento, num quarto de um hotel de Lisboa. Hugh Owen e sua mulher, Josefina, estavam hospedados, à data, no mesmo hotel.

O corpo do morgado de Santa Cruz do Douro seria sepultado sem identificação, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

Camilo alude ao drama de Fanny Owen no romance *Bom Jesus do Monte* contribuindo, deste modo, para a divulgação de um caso, que deu brado, à época. Atente-se que Camilo tem na mão a pena, com que pode fazer-nos acreditar, bem como a ele próprio, no que mais jeito lhe der.

Texto 9

Já me vai sendo uma dor este prolongado recordar-me, e direi até um arrependimento.

José Augusto, concluído o embalsamento do cadáver, mandou depositá-lo naquela igreja contígua ao velho solar dos Camelos, e guardou o coração de Fanny numa urna de álcool. Depois encerrou-se com um sacerdote por espaço de oito dias.

Em seguimento, fechou os vestidos de Fanny em baús, e mandou-os recolher num mosteiro do Porto, a recato da senhora com quem sua esposa convivera na Foz. Da urna do coração foi também depositária a mesma senhora.

Saiu José Augusto para Lisboa, prometendo regressar passado um mês.

Hospedou-se no hotel da Travessa de Estêvão Galhardo; e, ao oitavo dia, morreu.

Uma senhora portuense, a senhora D. Eulália Balsemão, hospedada no mesmo hotel, disse-me que José Augusto morrera de febre cerebral; que rejeitara remédios; e apenas escutara as palavras confortadoras de um sacerdote de virtuosa fama, socorro que ele pedira aflitivamente. Quer em delírio, quer em claro entendimento proferia o nome de Fanny, e exclamava: – «Espera-me, oh anjo!»

José Augusto Pinto de Magalhães foi sepultado no Alto de São João em vala comum.

Fanny Owen está no jazigo dos Rochas Pintos no cemitério da Lapa, O cavalheiro daqueles apelidos mandou buscar o cadáver embalsamado a um desvão da igreja de Vilar. Os herdeiros de José Augusto recusaram pagar as despesas do monumento que ele mandara construir; e, sobre a sepultura dele, nem uma cruz, nem tábua ergueram com uma data e nome.

Assim acabou aquela mulher linda do Paraíso, que chorava se o vento lhe sacudia as corolas das suas flores! Assim se fecharam os olhos daquele ardente mancebo, que eu invejara com tantos dons o auspícios de felicidade!

Falai-me, ó vozes misteriosas das minhas noites contemplativas! Dizei-me se aquela alma supliciada. que pedia ao anjo que a esperasse, a encontrou debaixo do olhar misericordioso do Senhor!

Camilo Castelo Branco (1884) *Bom Jesus do Monte*.

O coração de Fanny, que Camilo diz, foi conservado num frasco, em formol, perder-se-ia para sempre. Guardado na capela da Quinta do Lodeiro, segundo descendentes de José Augusto terá sido recolhido, depois, em jazigo de família, em Amarante. Para outros, teria sido levado para o hospital da Ordem da Trindade, no Porto, mas por deficiente manuseio de alguém, perdeu-se. Camilo diz que o coração foi entregue a uma senhora da Foz do Douro com quem Fanny tinha convivido.

Fanny Owen (1830-1854), baptizada com o nome de Francisca em memória do seu tio Francisco de Paula de Rocha Pinto, era fruto do casamento, em segundas núpcias, de sua mãe Maria Rita da Rocha Pinto (1790-1858), por sua vez, filha do conhecido exportador de vinho do Porto, Tomás da Rocha Pinto (1748-1815) da firma «Thomaz da Rocha Pinto & Filhos»,

Em 1979, Agustina Bessa-Luís escreve o romance *Fanny Owen*.

Em 1981, a história dramática ficou imortalizada no filme *Francisca* de Manoel de Oliveira, baseado no livro de Agustina.

Ponto 3 – Rua de Sto. António (atual 31 de janeiro¹¹)

Também aqui habitou Camilo (no número 82).

A antiga Rua de Santo António¹² ficou célebre na biografia de Camilo por episódios de provocação à sociedade portuense da época. A sua última companheira foi **Ana Plácido**; portuense, nascida na rua do Almada. Casada com um próspero comerciante, **Pinheiro Alves**, que intentou um processo contra eles por adultério. Os amores ilegítimos causaram escândalo na cidade, o casal adúltero esteve preso na cadeia da relação a aguardar julgamento. Nesse período, Camilo não se coibiu de provocar os portuenses, usufruía de alguma liberdade, saía para a rua, era visto a passear e a montar a cavalo. Certo dia, subiu a rua de Santo António, comprou botins para a companheira, levou-os na mão, desembulhados e sem caixa, à vista de todos, chocando ainda mais a zelosa e conservadora sociedade portuense¹³. Os botins, a mesa e o banco em que se sentava a escrever, são alguns dos objetos originais que se encontram na casa museu.



Rua de Sto. António.

Camilo Castelo Branco e Ana Plácido desafiaram a sociedade conservadora do Porto ao desfilarem pela Rua de Santo António e na prisão a fumar charutos juntos. Fumar charuto, um hábito masculino que chocou os valores morais da época por ser ostentado por uma mulher culta e irreverente.

Em 1885 publica o romance *O que fazem as mulheres* no que Camilo Castelo Branco retrata o comportamento feminino realçando a questão dos casamentos decididos pelos pais e a forma como algumas mulheres poderiam justificar o seu adultério: Ana Plácido, sua «amante querida» vivera o mesmo drama com o seu primeiro casamento, orquestrado por seu Pai.

Texto 10

—Ludovina, já pensaste a resposta que has-de dar a teu pae?

Pergunta que faz a sua filha uma senhora de nobre presença, quarenta annos, ainda frescal, chamada Angelica, e casada com o sr. Melchior Pimenta, empregado na alfandega do Porto.

Ludovina respondeu:

«Como hei-de eu responder, se ainda não vi o homem?»

¹¹ O actual nome é uma homenagem à **Revolta de 31 de Janeiro de 1891**, o primeiro movimento revolucionário que teve por objectivo a implantação do regime republicano em Portugal, desencadeada como reacção ao Ultimato britânico de 1890 por causa do Mapa Cor-de-Rosa, que pretendia ligar, por terra, Angola a Moçambique.

¹² *Santo António*, devido a Santo António dos Congregados; *Nova*, porque já existia outra Rua de Santo António, na Picaria.

¹³ <https://palmilheiro.blogspot.com/2026/04/casa-museu-de-camilo-castelo-branco.html>

—É um homem como os outros;—replicou D. Angelica—são todos o mesmo, menina. Teu pae sabe o que faz. Um homem é quem melhor conhece outro homem. Se elle te disse que achou um bom marido, não póde enganar-se.

«Ora essa, mãe! E se eu antipathisar com elle?

—Deves casar, como se sympathisasses.

«Bravo!... e depois?

—E depois, virá a sympathia. Imaginas lá com que repugnancia eu casei? Casaram-me, deixei-me levar porque era uma creança, vivia na aldeia, e sonhava com os vestidos e os bailes, e os theatros do Porto. Depois, teu pae... teu pae adorava-me, dava-me mais do que eu ambicionava, e sem saber como, nem porque, contentei-me tanto com a minha sorte, que não invejava a de ninguém. Tinha vaidade em ser bonita, vestir com gosto, e chegar onde as mais ricas não podiam chegar. Via homens elegantes, reconhecia a differença que os fazia superiores a teu pae, e, comtudo, nunca me passou pela cabeça a loucura, a ingratição, o crime da infidelidade. Posso dizer que principiei a amar meu marido, quando as outras mulheres se enfastiam. Aqui tens o que nunca te disse. Não ha homem nenhum que seja indigno da estima de uma mulher.

«Mas a mãe sabe que eu... amo outro homem.

—Eu não sei se amas outro homem... Sei que namoras outro homem, e entre namorar e amar está o reflectir, menina. Esse rapaz que te manda romances e cartas entre as paginas... (não te inquietes, que sei tudo, e tudo pouco vale...) esse rapaz quem é? Um filho-familia, sem posição, sem modo de vida, que te ama, que será teu marido, se tu quizeres; que viverá das tuas sopas, se as tiveres para ti, que se envergonhará da sua dependencia, quando o amor obedecer á razão; que se enfastiará dos teus carinhos, se quizeres prende'-lo com elles a ti, ou ao berço de teu filho. Se quizesse exemplos, davatos. Tens ouvido censurar duas ou tres amigas, que tens, casadas com homens ricos de cabellos brancos?

«Ainda hontem li um folhetim contra as mulheres que se deixam seduzir pela «fortuna» de estupidas creaturas....

Camilo Castelo Branco (1885) *O que fazem as mulheres.*

Texto 11

A mulher foi escrava do braço, antes de o ser da superioridade moral. Quando o homem chamou a ciência a dar um testemunho falso da sua primazia, a mulher, quebrantada pela escravidão do braço, não pôde remir-se com as forças do espírito. Ainda assim, o tirano, receoso da emancipação, fez em redor da escrava as trevas da ignorância, para que a razão da mulher não pudesse conceber da luz o germe que a reabilitasse. Pegou da formosa flor, cercou-a de estevas, cobriu-a de sombras por onde o sol não podia coar uma réstia reanimadora. [...] O Filho de Maria disse que a mulher era igual ao homem, e levou para o céu o segredo da sua emancipação.

Camilo Castelo Branco (1885) *O que fazem as mulheres.*

Ponto 4 – Rua de Santa Catarina

Ao longo desta rua atente nos diversos locais onde Camilo residiu. Camilo viveu no **nº 41** (da época) e, ainda nessa rua, viveu em 1880, no Grande Hotel do Porto.

Como se pode ver pela placa colocada no atual número 630 desta rua (na época nº 458), (apesar do seu estado de degradação) aqui residiu o recém-casado Camilo com Ana Plácido, em 1888, sendo casados pelo abade de Santo Ildefonso, pois, tinha certidão médica, de que estava impedido de sair de casa.

“No 2.º andar deste prédio, que então possuía o n.º 458, casaram em 9 de Março de 1888 Camilo Castelo Branco e Ana Augusta Plácido.”

O padre Alexandrino Brochado (Paços de Ferreira, 1920; Porto, 2016) conta-nos a cerimónia do casamento de Camilo, no texto seguinte:



Grande Hotel do Porto.

Texto 12

Ao procurar elementos sobre o casamento do Camilo Castelo Branco, encontrei referências várias ao Cónego Alves Mendes que foi um dos maiores oradores sacros do século passado. Ele teve um papel preponderante, talvez decisivo, no casamento de Camilo que se realizou no dia 9 do Março de 1888, no segundo andar do prédio da Rua do Santa Catarina, onde então residia e cuja porta de entrada tinha o número 458. Os números actuais do edifício, que é o da Casa Nun'Álvares, são o 626, 628 e 630. No segundo andar funciona, hoje, a tipografia do "A Ordem". Aqueles números já existiam a partir de 1902. Tudo leva a concluir que os antigos números 454, 456 e 458 correspondem agora aos números 626, 628 e 630.

Acresce que a gravura do prédio publicada em 1890 por Alberto Pimentel (*O Romance do Romancista*, pág. 272) coincide perfeitamente com a traça do prédio actual, um tanto apenas de aparência diferente na caixilharia do vidro, que há anos foi remodelada.

Neste prédio mandou há tempos a Câmara Municipal do Porto colocar uma placa metálica assinalando a efeméride, sem ter aparecido qualquer referência nos órgãos da comunicação social.

Da mesma forma a cerimónia do casamento do Camilo foi discreta e quase a desconheceu a imprensa. Apenas a noticiou a *Gazeta do Portugal*.

Segundo um apontamento do Nuno Castelo Branco encontrado em S. Miguel do Ceide, o casamento de Camilo efectuou-se pelas nove horas e dez minutos da



noite, a pretexto do nubente se sentir gravemente doente. A ideia de ser na Sé Catedral enfeitou-a o romancista, por lhe repugnar a grandeza do local.

Presidiu ao acto o abade de Santo Ildefonso, Dr. Domingos de Sousa Moreira Freire. As testemunhas escolhidas por Camilo, foram o Dr. Ricardo Jorge, o Cónego Alves Mendes, Joaquim Ferreira Moutinho e João Freitas Fortuna.

Assistiram também o Visconde S. Miguel de Ceide (Nuno Castelo Branco), o Dr. Urbino de Freitas e o actor António Dias Guilhermino. Explica-se a ausência do P. Sena Freitas, grande amigo de Camilo, pois desde 1884 estava no Brasil, à frente de um colégio, que fundara em S. Paulo. Ricardo Jorge e Alves Mendes foram os homens que mais influenciaram Camilo para casar religiosamente. Alves Mendes, depois de tudo preparado para o casamento religioso, deslocou-se à residência paroquial de Santo Ildefonso a convidar o pároco para efectuar o referido casamento. Acabado de chegar, é surpreendido pelo filho de Camilo que lhe comunica, nervosamente, que Camilo já não quer casar.

Alves Mendes passa por cima desta informação do filho de Camilo e insiste com o abade Dr. Moreira Freire para o acompanhar ao prédio nº 626, da rua de Santa Catarina, residência do escritor.

Quando chegaram os dois, encontram Ana Plácido debruçada em lágrimas. Camilo já não quer casar e está renitente. Alves Mendes não desiste, convence Camilo a mudar de opinião e aceitar o casamento religioso. Este efectua-se, abençoado pelo abade de Santo Ildefonso, e no fim houve beberete com abraços, doces e vinho do Porto. Alves Mendes, o grande orador sacro do tempo de Camilo, ganhara a cartada e o casamento religioso fez-se.

Ninguém pode negar que Alves Mendes foi interveniente decisivo em todo este processo do casamento de Camilo e certamente o brinde mais efusivo e entusiasta, com um cálice de Porto, foi o seu, no casamento do romancista.”

Morou na rua **Bela da Princesa** que corresponde atualmente também a esta rua, na sua parte inicial, junto à Praça do Marquês do Pombal. Aí. Residiu no número 605 e no número 860.

Ponto 5 – Teatro do Bolhão (antigo Palacete Sousa Guimarães)

Propriedade de António Alves de Sousa Guimarães, Barão e, mais tarde (1855), Conde do Bolhão (1814-1900), este palacete da rua formosa recebeu a rainha D. Maria II. António Guimarães era o melhor amigo de Camilo, uma das maiores fortunas do Porto na época, até que foi acusado de estar envolvido em negócios de moeda falsa e a mulher iniciou um processo de divórcio por maus tratos e infidelidade, ações que o levaram a entregar o Palácio ao seu credor principal, o Conde de Fragoselas (José Pereira de Loureiro).



Teatro do Bolhão.

Texto 13

Eram oito para as nove horas da noite de ontem, e o rodar das seges, que se cruzavam em todas as ruas da cidade anunciava que chegara o dia de baile do Sr. António Guimarães. Parecia que a elegância do Porto se preparava para a sua revolução. O palácio de sua senhoria donde a luz jorrava através de vidraças coloridas das suas janelas indicava ao motim o ponto de assalto. As suas imediações estavam atulhadas de povo por onde rompia a custo a fileira de carruagens. [...] Os intervalos que se davam entre as quadrilhas, as valsas e as polcas, tocadas por uma amestrada orquestra e acompanhada a coros, eram preenchidos por um escolhido serviço de refrescos, de gelados, de fofos, de confeitaria, feito por dezenas de criados, vestidos em todo o rigor da etiqueta. [...] Às três horas abriu-se a sala de jantar. Esta sala está situada no 2.º andar da casa. O tinir dos cristais e das porcelanas, o sonido da prata, o estalido do champagne, anunciavam que a gastronomia se tinha exagerado, e pairava assombrosa sobre os gelados, as espumas, as viandas, as compotas, os mariscos, as massas, os cakes, os vinhos. Um embriagante nevoeiro formado pela espuma de 300 garrafas de espumante, tolda os ares, para não dizer as cabeças. Trincha-se, espatifa-se, derrama-se. Rompem os brindes, os hurrahs. Expandem-se os corações, à medida que os estômagos se dilatam. Nem a imponente e colossal grandeza de um cake sustém o acometimento de 800 dentaduras, das quais algumas é preciso confessar supriam em velocidade o que lhes faltava em beleza. [...] E assim acabou às oito da manhã talvez o mais esplêndido baile que o Porto tenha visto.

Jornal Nacional, de Fevereiro de 1852.

Ponto 6 – Cemitério da Ordem da Lapa (túmulo de Camilo Castelo Branco)

Em 15 de julho de 1889, na busca da cura para a cegueira, numa das muitas cartas que escritas pela mão de Ana Plácido a Freitas Fortuna, Camilo assume essa vontade:

Texto 14

Começo a experimentar uma espécie de affecto posthumo ao meu cadáver. Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabedal fis da minha saúde, que já agora me quer parecer que este amor ao que nada vale é retribuição devida a esta matéria que me hade sobreviver alguns annos, aviventada pela engrenagem da putrefacção. Deste desejo extraordinario mas não excepcional, resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer fallando quer escrevendo, que aspirava fervorosamente ser sepultado no seu jazigo da Lapa. vontade que me domina há ano e meio... O meu querido Freitas acceitou com ternura fraternal a offerta do meu cadáver, e d'esta arte, permittindo que eu fizesse parte da sua família extincta, quis continuar alem da vida a tarefa sacratíssima da sua dedicação incomparável.

Texto 15

Meu querido amigo:

Revalido, por esta carta, o que lhe propus com referência ao meu cadáver e ao jazigo no cemitério da Lapa. Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capela. É natural que ninguém lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade póstuma que se compraza em impor a violência aos meus restos. Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma cláusula testamentária e, sendo preciso, faça que ella valha em juízo. Abraça-o com extremado affecto e inexprimível gratidão.

Porto, 6 d'Abril de 1888

No dia seguinte à morte do autor de Amor de Perdição (1862), a 2 de junho de 1890, o Governador Civil de Braga autoriza que o cadáver seja transportado de S. Miguel de Seide para a Igreja da Lapa, no Porto. Aqui se encontra sepultado no cemitério privativo da Venerável Irmandade, no jazigo de família desse dedicado amigo, a quem por escrito recomendou «que nenhuma força ou consideração o demova de conservar-lhe as cinzas perpetuamente na sua Capella».

Junto ao Cemitério, propriedade da Venerável Irmandade de N. Sr^a da Lapa, no espaço museológico da instituição, existe uma coleção de bens que pertenceram a Camilo como: as suas lunetas, um tinteiro, uma pena, caixas de rapé e a arma do suicídio, entre outros, bem como algumas das suas cartas a Ana Plácido.

